

Papa e PCI fazem Collor mudar agenda

Araújo Netto
correspondente

ROMA — O segundo dia do candidato Fernando Collor de Mello em Roma foi movimentado pelo seu desejo de mudar de agenda, diversificando o programa de encontros e diálogos que terá na Itália até terça-feira. Ao ser informado pelo embaixador brasileiro junto à Santa Sé, Afonso Arinos de Mello Franco Filho, de que o papa João Paulo II poderia recebê-lo em audiência privada às 12h30 de amanhã, Collor admitiu a possibilidade de faltar ao encontro marcado em Turim com os maiores dirigentes do grupo Fiat. Entre conversar com os Agnelli e rever o papa, que já lhe concederá um *baciamano* (beija-mão) em janeiro de 88, o candidato não hesitou: preferiu comportar-se como bom católico. Até porque a fotografia ao lado do papa pode ser mais útil.

Como essa audiência com João Paulo II o deixará sem programação durante uma boa parte da manhã de amanhã, Collor autorizou finalmente a embaixada brasileira a solicitar um encontro com o secretário do Partido Comunista Italiano, Achille Occhetto. Aos jornalistas que se surpreenderam com essa inesperada e radical mudança de atitude do candidato, seu assessor de imprensa, Cláudio Humberto Rosa, disse que a exclusão do PCI, maior partido da oposição italiana, da agenda inicial, se devia a dificuldades que teriam sido encontradas pela embaixada do Brasil na Itália.

Versão que ainda ontem o embaixador Carlos Alberto Leite Barbosa voltou a contestar, repetindo que a embaixada limitara-se a *agendar* personalidades e líderes políticos pelos quais o candidato do PRN manifestou interesse. Isto é, o ministro Amintore Fanfani, o vice-presidente do

Conselho Gianni, de Michelis, o ministro do Exterior Giulio Andreotti e o secretário do Partido Socialista Bettino Craxi.

Satisfeito — Com pontualidade britânica, às 8h15 de ontem, Fernando Collor de Mello foi recebido pelo ministro do Exterior italiano, Giulio Andreotti, com quem manteve uma conversação de meia hora — boa parte dela, falando um italiano muito razoável que ele revelou ter aprendido em seis meses de viagens que fez há alguns anos pela Itália. Ao final da entrevista, falando aos jornalistas brasileiros, o ministro Andreotti declarou-se duplamente satisfeito e bem impressionado: pelo fato de ter conhecido mais um dos candidatos à Presidência da República do Brasil (em fevereiro deste ano recebeu e conversou descontraidamente com Luís Inácio Lula da Silva); e pela descoberta de um político muito jovem e de idéias claras e interessantes.

“Ao doutor Collor confirmei — disse Andreotti — que para nós a amizade com o Brasil é uma questão prioritária da política italiana, que conta com a participação e o apoio de todos os partidos. Portanto, não é um problema de governo ou de oposição. Do doutor Collor ouvi idéias muito claras, inclusive sobre temas incandescentes como são os problemas da atmosfera e ecologia. Apreciei e me interessei particularmente pelo seu projeto de criação de um imposto internacional, coordenado pela ONU, para financiar a reestruturação do ecossistema”. Andreotti considerou o projeto “uma solução muito interessante, porque criaria uma solidariedade mais séria, feita de atos e passivos, que não se basearia apenas nos pedidos que se fazem hoje a alguns, para fazer alguma coisa, sem contribuir para os custos dessas obras e iniciativas”.

Filosofia — O ministro destacou que, “no

fundo, o projeto é inspirado pela mesma filosofia que determinou uma nossa proposta para as florestas brasileiras e de outros países. A filosofia que tem nos levado a repetir que o que acontece nessas grandes reservas de florestas se repercute sobre o todo o mundo, por isso mesmo é preciso que o mundo se assuma algumas responsabilidades para não estrangular o desenvolvimento do Brasil, para fazer com que o Brasil se alivie de sua dívida externa, hoje muito pesada”. Ao mesmo tempo Andreotti disse ter informado ao candidato que o acordo para a cooperação entre Itália e Brasil “está quase pronto”.

Como bom observador e *retratista* de velhas e novas personalidades da política de todo o mundo, Giulio Andreotti, falando mais como o autor de três livros (de uma série *Vistos de perto*) de perfis de homens públicos que conheceu em mais de 45 anos de vida política (e de poder), deixou para o final um breve comentário sobre a juventude do novo candidato à Presidência da República do Brasil, que conheceu ontem: “Mas o que verdadeiramente me impressionou no doutor Collor de Mello foi a sua juventude. Fez-me lembrar que eu também comecei muito jovem a fazer vida política. E se alguém começa muito jovem na política, tem pela frente uma longa e movimentada carreira em perspectiva”.

O que o ministro Giulio Andreotti não quis recordar é que aos 70 anos de idade ele já foi quase tudo na Itália — mas que sua ambição de chegar à Presidência continua a ser adiada, à espera de uma boa oportunidade. Embora ele continue a ser, em todas as eleições para o Parlamento, um candidato recordista de votos preferenciais, um dos deputados de maior votação na Itália.